

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSICOS

COMÉDIAS

III

—

ARISTÓFANES

N IMPRENSA
NACIONAL

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSSICOS

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.incm.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© Imprensa Nacional-Casa da Moeda
e Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

TÍTULO

Comédias

Volume III

AUTOR

Aristófanes

DESIGN DA COLEÇÃO

www.whitestudio.pt

REVISÃO, PAGINAÇÃO E CONCEÇÃO DA CAPA

INCM

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

INCM

1.ª EDIÇÃO

Janeiro de 2019

ISBN 978-972-27-2508-8

DEPÓSITO LEGAL N.º 235 513/05

EDIÇÃO N.º 1021388

BIBLIOTECA DE AUTORES CLÁSSICOS

COMÉDIAS

III

—

ARISTÓFANES

COORDENAÇÃO, INTRODUÇÕES E TRADUÇÕES
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
IMPRESA NACIONAL
LISBOA 2019

INTRODUÇÃO

MULHERES QUE CELEBRAM AS TESMOFÓRIAS E A SUA INSERÇÃO NA PRODUÇÃO DRAMÁTICA DE ARISTÓFANES

Esta comédia, de que possuímos uma cópia única no manuscrito de Ravena, foi apresentada por Aristófanes em 411 a. C.¹, no festival das Grandes Dionísias², em Atenas. Com que êxito, não sabemos.

Depois de uma fase de produção dramática voltada sobretudo para as questões «políticas» do momento — o envolvimento de Atenas na Guerra do Peloponeso, a necessidade urgente de paz, a degradação total da vida social e política da cidade —, Aristófanes dedica, pela primeira vez, toda uma peça ao tema da crítica literária. Vários motivos terão pesado nesta sua opção. Antes de mais, a crítica literária surge como uma alternativa à sátira política, quando a instabilidade social a esta não era favorável; além de procurar proteger-se³ de eventuais sanções legais, o poeta proporciona ao seu público algum desanuviamento perante a conturbação geral. Mas *Mulheres que celebram as Tesmofórias* resulta igualmente de um esforço persistente do comediógrafo, no sentido de escarpelizar a produção trágica e desvendar os segredos da arte patrocinada por Dioniso. Desde os seus primeiros passos no teatro, Aristófanes participara do entusiasmo, generalizado entre os cómicos, pelo tema da crítica literária e mostrara-se um homem de letras consciente e atento ao fluir permanente do género dramático. A crítica literária segue, na produção do comediógrafo, um progresso árduo, que se inicia com *Celebrantes do banquete* e atinge o seu clímax em *Rãs*, ainda que o tema regresse nas últimas produções do poeta. Basicamente, o comediógrafo lança mão de dois processos no

1. Cf. infra nota 145.

2. Cf. infra nota 125.

3. Cf. PLATÓNIO, *Diff. Com., Comitorum Graecorum Fragmenta* Kaibel, p. 5, que

deteta, já na comédia antiga, esta prática, que se tornou comum na fase de transição.

ginação fértil do poeta como a retrata a peça, que Eurípides vem salvar, não como herói romântico, mas como uma velha interesseira que vende barato os encantos da sedução feminina. O que a arte não conseguira alcançar, consegue-o a artimanha, hábil e ajustada às expectativas rasteiras do bárbaro, investido no papel de um polícia civil⁵.

É portanto, com a consciência de que, para além do aparato lúdico saliente no aproveitamento do tema feminista, a peça de 411 a. C. encerra um conteúdo mais profundo, revelador de um período de maturidade na carreira do homem de letras que era Aristófanes, que vamos partir à consideração de *Mulheres que celebram as Tesmofórias*.

REALIZAÇÃO DA PARÓDIA E CRÍTICA LITERÁRIAS EM MULHERES QUE CELEBRAM AS TESMOFÓRIAS

É, antes de mais, de Eurípides e da sua tragédia que se trata em *Mulheres que celebram as Tesmofórias*. E, da arte do trágico, dois aspetos sobressaem na presente caricatura: o gosto obsessivo de Eurípides pela criação de personagens femininas, motivo desencadeador de violenta polémica entre o poeta e as mulheres, e a produção de intrigas complexas, guiadas por percalços imprevisíveis da sorte, que vieram substituir-se ao carácter mais estático da tragédia antiga.

Numa época marcada pela crítica e reflexão, e, ao mesmo tempo, pela derrocada constante dos ideais másculos do passado, em que o sofrimento causado pela guerra despertou a atenção para essa esquecida vítima do *status quo*, a mulher, não surpreende que a psicologia feminina tenha ganho um relevo até então desconhecido. Dentro da produção trágica é em Eurípides que vemos assimilado o interesse pela

5.E. HALL (1989: 41-44) defende a ideia de que haja, nesta cena final, um último momento de paródia literária de Eurípides. Na velha que oculta o poeta e que, com uma artimanha, ilude um bárbaro, vê esta autora

uma réplica dos Gregos manhosos que, nas peças aventurosas de Eurípides, se escapam rumo à salvação, depois de ludibriarem o monarca bárbaro que os mantinha cativos; deste padrão são modelo *Helena, Ifigénia entre os*

Tauros e Andrómeda. Pelas próprias remissões para peças recentes amplamente parodiadas dentro de outras perspectivas, em *Tesmofórias*, a hipótese de E. HALL não deixa de ser sugestiva.

problemática feminista. A mulher revela-se, no seu teatro, em toda a riqueza de cambiantes de uma personalidade complexa, suscetível de encarnar os mais variados sentimentos. Da reação do público perante esta novidade euripidiana nos dão conta as próprias *Mulheres que celebram as Tesmofórias*. Segundo a perspectiva da comédia, Eurípides é o poeta que traz a mulher à cena para dizer mal dela (vv. 390 sq.). O seu interesse em arrancar a ateniense do canto recatado da sua casa, para lhe desvendar os escaninhos mais profundos da alma, só pode justificar-se por um objetivo: maledicência. Naturalmente que a caricatura insiste no vício, na malformação da personalidade feminina, que se encarna nas figuras simbólicas de Fedra e Melanipa (vv. 546-548), mulheres adúlteras e perjuras. Ainda que objetivamente parcial — porque omissa quanto às virtudes das Alcestes, Ifigénias ou Andrómedas —, esta caricatura concilia a modernidade de um tema euripidiano com a tradição da sátira feminina, tão velha quanto Hesíodo.

Paralelamente à exploração da sentimentalidade, Eurípides enveredou por um outro processo de dinamização da ação, em que a dimensão humana é, em certa medida, diminuída em favor da valorização do poder do destino. Surgem, no teatro grego, as primeiras peças de intriga, que tanto sucesso viriam a encontrar, mais tarde, entre os poetas da Comédia Nova. *Helena e Andrómeda*, as tragédias com que Eurípides brindara o público no ano anterior, ofereciam-se à caricatura cómica como mananciais significativos do romanesco que se instalara na tragédia desta fase. Mas, mais do que na recriação direta de cenas daquelas duas peças euripidianas, a paródia ao novo conceito de tragédia está patente na própria contextura de *Mulheres que celebram as Tesmofórias*. Aí vamos encontrar o herói em perigo (vv. 76 sq.), ironicamente Eurípides em pessoa, que busca a salvação com o auxílio de um velho parente, tonto e ridículo. O par em perigo na comédia é formado por dois velhos, Eurípides barbudo e cabeludo, coadjuvado por Mnesíloco, no papel da heroína durante a maior parte da peça. É este par grotesco o protagonista de toda uma série de aventuras, marcadas pela exaltação sentimental, a quem compete recriar momentos de patético trágico. O cenário da ação, ainda que não o ambiente inóspito de um país distante e estranho, mas o Tesmofórion, nos limites da cidade de Atenas, é, apesar disso, território vedado aos homens pelas regras do culto, onde a sua presença será fatalmente hostilizada por ímpia. Estão

TRADUÇÃO

PERSONAGENS

PARENTE de Eurípides

EURÍPIDES

SERVO de Ágaton

ÁGATON

CRITILA, sacerdotisa das Deusas Tesmóforas

CORO de mulheres atenienses

MICA, mulher de Cleónimo

FLORISTA

CLÍSTENES

PRÍTANE

GUARDA cita

ECO

FIGURAS MUDAS

FILISTE e outras mulheres atenienses

MÂNIA, ama de Mica, e outras servas das mulheres

ELÁFION, bailarina

TERÉDON, flautista

PARENTE (*que vem acompanhado de Eurípides, para, extenuado da caminhada. Com os seus botões.*) Deus me valha, será que algum dia as andorinhas acabarão mesmo por chegar?¹ Dá cabo de mim, este fulano, numa roda-viva desde manhãzinha. (*A Eurípides*) Posso saber, antes que deite os bofes pela boca², para onde me levas, Eurípides?

1. A invocação do Parente a Zeus traduz o cansaço provocado por toda aquela caminhada: e para inquirir sobre o momento em que verá o fim dos seus males, o velho pergunta: «será que

algum dia as andorinhas acabarão por chegar?» A andorinha é o símbolo da primavera, que anuncia o fim dos dias negros do inverno.

2. O grego diz literalmente «antes que lance fora completamente a bÍlis». A expressão aplica-se a quem se sente oprimido por grande cansaço.

- 5 EURÍPIDES Não há necessidade de ouvires tudo o que vais já ver com os teus próprios olhos³.
- PARENTE Como dizes? Repete lá isso outra vez! Não preciso de ouvir?...
- EURÍPIDES Não, aquilo que vais já ver.
- PARENTE Nem preciso de ver?
- EURÍPIDES Não, aquilo que tens de ouvir.
- 10 PARENTE Que recomendações são essas que me fazes? Lá paleio tens tu, não haja dúvida! Dizes então que eu não preciso nem de ouvir nem de ver?
- EURÍPIDES São, de facto, duas coisas distintas por natureza.
- PARENTE Distintas, como?
- EURÍPIDES Aqui tens como foram separadas um dia: o Éter⁴, quando, logo
- 15 no princípio, se separou e gerou em si animais dotados de movimento, para quem devia ver, fabricou de imediato um olho, à semelhança da roda do sol, e para ouvir, esburacou um funil, as orelhas.
- PARENTE É então por causa do funil que eu nem posso ouvir nem ver?
- 20 Raios! Estou encantado por ter aprendido mais essa! Isto é que é uma conversa de alto nível!
- EURÍPIDES Destas hás de tu aprender muitas comigo!
- PARENTE Não descobrir eu, para além destas maravilhas, a maneira de aprender a ser coxo das duas pernas!
- 25 EURÍPIDES Chega-te cá e presta atenção!
- PARENTE (*aproximando-se*) Pronto.
- EURÍPIDES (*que aponta para a casa de Ágaton*) Vês ali aquela portinha?
- PARENTE Claro, ora essa! Pelo menos penso que sim.

3. No diálogo que vai seguir-se é parodiada a sofística, personalizada em Eurípides. As subtilezas retóricas do trágico merecem a Aristófanes larga paródia em *Rãs*, de que os vv. 775 sq., 818-821, 971-974 são talvez alguns dos passos mais significativos.

4. O Éter é citado várias vezes na obra de Eurípides (cf., e. g., *Hipólito*, 178, *Orestes*, 1087) e a sua importância no pensamento cosmogónico do trágico justifica as várias alusões que lhe são feitas na comédia: cf. v. 272, *Rãs*, 100. Em Eurípides o Éter

pode ser identificado com Zeus (cf. frs. 877, 941 Kannicht); em *Rãs*, 892, o Éter é o primeiro dos deuses da devoção particular de Eurípides. Sobre a conceção de *aither* em Eurípides, cf. DÉCHARME 1893: 83 sqq.

- EURÍPIDES Então bico calado!
- PARENTE Nem pio sobre a portinha.
- EURÍPIDES Ouve cá!
- PARENTE Sou todo ouvidos e nem pio sobre a portinha.
- EURÍPIDES Acontece que é aqui que vive o célebre Ágaton⁵, o poeta trágico. 30
- PARENTE Qual Ágaton?
- EURÍPIDES Há um Ágaton...
- PARENTE Não será um moreno, fortalhaço?
- EURÍPIDES Não, é outro. Nunca o viste?
- PARENTE Não será um fulano barbudo?
- EURÍPIDES Nunca o viste mesmo.
- PARENTE Decerto não... Pelo menos que eu saiba.
- EURÍPIDES E é certo e seguro que já o espetaste, embora talvez nem saibas. (*Abre-se a porta da casa e ambos procuram esconder-se.*) Toca mas é a agacharmo-nos longe daqui! Vem ali um criado dele a sair de casa, com o fogo e os mirtos, para sacrificar, ao que parece, pela poesia do sujeito⁶. 35
- SERVO Quede-se a multidão silenciosa, de boca cerrada. Aqui dentro, sob os tetos⁷ do meu senhor, encontra-se um tíaso de Musas a compor cantos. Retenha os seus sopros o calmo éter, não ressoe a onda cerúlea do mar... 40
- PARENTE Pum! 45
- EURÍPIDES Cala a boca! O que está ele a dizer?
- SERVO ... mergulhem no sono as raças aladas, não se deslacem os pés das feras selvagens que correm nos montes...
- PARENTE Catrapum!
- SERVO ... porque Ágaton de belas palavras, o nosso senhor, se prepara para... 50
- PARENTE Para levar uma espetadela, não?

5.Cf. supra «Introdução», 27-32.

6.Cf. *Rãs*, 871 sqq., em que, na presença de Dioniso,

Ésquilo e Eurípides fazem idênticos sacrifícios, antes de se dar início ao certame literário.

7.Cf. supra «Introdução», 28.

SERVO Quem é que fez ouvir a sua voz?

PARENTE O calmo éter!

SERVO ... colocar as traves, suportes de uma tragédia. Articula novas
55 juntas de versos, torneia uns, cola outros, ora martela sentenças, ora
cria palavras novas, ora funde, ora arredonda, ora molda...

PARENTE Ora lambe rabos!

SERVO Quem é o pacóvio que anda a rondar este recinto?

60 PARENTE Um fulano disposto a moldar este vergalho que aqui vês,
redondo e teso, no teu recinto e no do teu poeta de belas palavras.

SERVO Olha a carcaça! Nos teus tempos de rapaz devias ser cá um
grande cara de pau!

65 EURÍPIDES Meu querido amigo, deixa lá o tipo em paz! E tu, trata de
me chamar aqui o Ágaton, dê lá por onde der.

SERVO Escusas de pedir. Ele está aí não tarda nada. É que vai começar
a compor um canto; e, como estamos no inverno⁸, não lhe é fácil
articular as estrofes sem vir cá para fora, para o sol.

70 EURÍPIDES Então que hei de fazer?

SERVO Espera aí, que ele já lá vem.

EURÍPIDES (*em tom trágico*) Zeus, que é que tencionas fazer hoje de
mim?

PARENTE (*com os seus botões*) Caramba, eu quero saber que história é
esta. (*A Eurípides*) Porque gemes? Porque te irritas? Não deves fazer
caixinha comigo, já que és meu parente.

75 EURÍPIDES Andam a cozinhar uma trama medonha contra mim.

PARENTE Que trama?

EURÍPIDES É hoje mesmo que se vai decidir se Eurípides é vivo ou
morto⁹.

8. A ação da comédia decorre na época de outubro-novembro, altura em que se realizava o festival das Tesmofórias (cf. infra nota 10).

9. O tom trágico desta frase adapta-se ao teor da revelação que Eurípides está a fazer ao Parente;

é agora que a vida do poeta depende de uma decisão que será tomada naquele mesmo dia, como uma personagem trágica cuja existência está sujeita aos percalços do destino: cf. *Hipólito*, 369, *Hécuba*, 285, *Hércules Furioso*, 510. Cf. ROMILLY 1971: 106-109.

- PARENTE Mas como? Agora que nem os tribunais estão a julgar, nem há reunião do Conselho, porque estamos a meio das Tesmofórias...¹⁰ 80
- EURÍPIDES É exatamente por isso que estou a ver que vou ser liquidado. É que as mulheres andam a conspirar contra mim e hoje, nas Tesmofórias, vão reunir-se para discutir o meu caso. É a minha morte!
- PARENTE Mas porquê?
- EURÍPIDES Porque as apresento nas tragédias e digo mal delas. 85
- PARENTE Ora toma, é o que estás mesmo a pedir! E então, tens algum expediente para escapares?
- EURÍPIDES Convencer o Ágaton, o poeta trágico, a ir às Tesmofórias.
- PARENTE Fazer o quê? Diz-me lá!
- EURÍPIDES Para tomar parte na reunião, no meio das mulheres, e, se for preciso, dizer uma palavra em meu favor. 90
- PARENTE Às claras ou disfarçado?

10. As Tesmofórias eram um festival religioso, realizado com a participação exclusiva de mulheres, em honra de Deméter e Perséfone. Numerosas são, em *Tesmofórias*, as invocações às duas deusas (cf., e. g., vv. 383, 897, 916). Este elemento, associado à época em que se realizava o festival, outubro-novembro, aponta para uma relação evidente com a fertilidade do solo e com as sementeiras. O festival tinha raízes fundas no tempo e propagou-se por toda a Grécia; parece revestir, no entanto, durante o longo período em que foi anualmente celebrado, um carácter nitidamente conservador. Desenrolava-se durante três dias, designados por: *Káthodos kai ánodos*, «Descida e subida», *Nestéia*, «Jejum», e *Kalligéneia*, «Bom nascimento». A designação que coube a este festival, bem como o epíteto que Deméter usava de *Tesmófora*, estão sujeitos

a várias interpretações na explicação do seu significado: se entendermos *thesmós* como «lei, princípio estabelecido», então Deméter será a deusa que «deu uma lei» aos homens, segundo a qual lhes cabia, à força de trabalho, arrancar da terra o seu sustento, e a designação de Tesmofórias corresponderia ao festival realizado em homenagem à deusa. Mas é igualmente possível relacionar *thesmós* com o verbo *títhemi*, «pôr»: segundo esta interpretação, *thesmoí* seriam «as coisas acumuladas, enterradas», que eram transportadas (*-phoros*) durante o festival. E assim o epíteto da deusa proviria deste ritual. Embora os pormenores que compunham o cerimonial religioso sejam difíceis de reconstituir, dado o sigilo que os envolvia (cf. *Tesmofórias*, 363-364, 627-628), sabemos, no entanto, que as mulheres depunham, em covas ou *mégara*, carne de porco, em homenagem aos animais

de Eubuleu, engolidos pela terra juntamente com Perséfone, e depois a retiravam, já apodrecida, para a deporem em altares como elemento de fertilidade. Parece ser este o ritual executado no primeiro dia da festa, designado precisamente por «Descida e subida». No segundo, enquanto as mulheres observavam um jejum absoluto, honrando a desolação de Deméter pelo rapto da filha, a carne sagrada estaria exposta, juntamente com grãos, sobre os altares, para no terceiro ser espalhada pelos campos, como garantia de fertilidade. A projeção do festival era tal que, no segundo dia das Tesmofórias, nem os tribunais nem o Conselho funcionavam (cf. vv. 78-80). Para uma informação mais precisa sobre o assunto, vd. J. E. HARRISON 1908: 120 sqq.; M. NILSSON 1972: 24 sqq.; M. HABASH 1997.

ÍNDICE GERAL

MULHERES QUE CELEBRAM AS TESMOFÓRIAS 9

INTRODUÇÃO 9

MULHERES QUE CELEBRAM AS TESMOFÓRIAS E A SUA INSERÇÃO NA
PRODUÇÃO DRAMÁTICA DE ARISTÓFANES 9

REALIZAÇÃO DA PARÓDIA E CRÍTICA LITERÁRIAS EM MULHERES QUE
CELEBRAM AS TESMOFÓRIAS 13

BIBLIOGRAFIA 31

TRADUÇÃO 37

RÃS 91

INTRODUÇÃO 93

A PRODUÇÃO DE ARISTÓFANES EM 405 A. C. 93

O MOMENTO POLÍTICO 94

ARISTÓFANES, UM HOMEM DE TEATRO COMPLETO 96

A CATÁBASE 96

O AGÔN ENTRE ÉSQUILO E EURÍPIDES 101

BIBLIOGRAFIA 109

TRADUÇÃO 113

MULHERES NA ASSEMBLEIA 197

INTRODUÇÃO 199

MULHERES NA ASSEMBLEIA NA PRODUÇÃO DE ARISTÓFANES 199

ÍNDICE GERAL

PARÓDIA DA ASSEMBLEIA DO POVO EM MULHERES NA ASSEMBLEIA 202

MULHERES NA ASSEMBLEIA E A REPÚBLICA DE PLATÃO 215

BIBLIOGRAFIA 223

TRADUÇÃO 229

DINHEIRO 303

INTRODUÇÃO 305

DATA E CONTEXTO HISTÓRICO DA PEÇA 305

DINHEIRO, UMA PEÇA PARA UM MOMENTO DE CRISE SOCIAL 306

DINHEIRO, UM PEÇA DE FIM DE CARREIRA 313

BIBLIOGRAFIA 323

TRADUÇÃO 327

ARISTÓFANES

—

COORDENAÇÃO, INTRODUÇÕES E TRADUÇÕES
DE MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA